



A linguagem literária do Brasil e Portugal – diálogo e inter-relações

The literary language in Brazil and Portugal – dialogue and relations

LINA TÂMEGA PEIXOTO

Escritora brasileira



Resumo: A criação poética exprime, ao mesmo tempo, situações conflitantes e harmoniosas no diálogo – linguístico, imagético e cultural – que se estabelece entre Brasil e Portugal. A literatura brasileira, na procura de uma identidade nacional, distancia-se da linguagem lusa. Isto não significa que se armem fronteiras nas inter-relações textuais com Portugal. Este esforço de compor uma fisionomia própria não escurece ou dificulta a compreensão e a interpretação do discurso literário português.

Palavras-chave: Poesia; Identidade nacional; Discurso literário

Abstract: The poetical creation conveys at the same time conflicts as well as harmonious situations regarding the linguistic, imagined and cultural dialog which was established between Portugal and Brazil. The Brazilian literature, in its search for a national identity, distanced itself from the Portuguese language. This, however, does not mean that boundaries were established concerning the textual relations with Portugal. The effort to create an own physiognomy does not obscure or complicate the understanding and interpretation of the Portuguese literary discourse.

Keywords: Poetry; National Identity; Literary Discourse

Todos os homens sonham com o poder infinito da linguagem como instrumento de diálogo e inter-relação, desejo utópico que persegue aqueles que se utilizam da língua como recurso para expressar o prazer e o fruir do mundo, em seus espaços de múltiplas e complexas significações.

Acredito compreenderem ser a palavra “inter-relação” um processo de contínuo intercâmbio de elementos linguísticos, transformando-os e modificando-os, a fim de construir a esfera da completa comunicação. Perspectiva utópica porque nada termina, satura-se, mas prolonga-se, indefinitivamente, conforme nos ensina Roland Barthes (1974). Assim, como posso superar a dificuldade de falar ao outro se há, espalhadas como pó, tantas línguas e seus estilos? Como posso passar para o outro essa complexidade de comunicação que me oferece a diversidade de línguas, se isto só acontece quando for possível ter dentro de mim valores culturais, entendidos como qualidades de sua natureza e de seus signos?

Nós, poetas, escritores, na voz de Barthes, teimamos em inquietar a língua, tirá-la de seu repouso, ouvi-la, indiretamente, no esplendor de uma permanente revolução da linguagem que o autor chama de Literatura.

Essa inquietação me levou a buscar, no mito de Babel, respostas para até onde estariam as fronteiras do silêncio e da utopia do diálogo. Cecília Meireles revela em seu poema “Discurso” essa mesma indagação existencial.

Um poeta é sempre irmão do vento e da água
deixa seu ritmo por onde passa.

Venho de longe e vou para longe:
mas procurei pelo chão os sinais do meu caminho
e não vi nada, porque as ervas cresceram e as serpentes
andaram.

Também procurei no céu a indicação de uma trajetória,
mas houve sempre muitas nuvens.
E suicidaram-se os operários de Babel.

(MEIRELES, 1958: 16)

Este espaço poético encontrei também nas explicações de Erick Felinto (2008) a respeito do mito, alongando, deste modo, a extensão da narrativa de Babel. O autor comenta a multiplicidade de línguas, suas origens, as relações do homem com a palavra e com o outro, em última instância, o outro do escritor, e aponta a linguagem como meio de dominação, fatores que levam à dimensão ética do mito babélico.

Pediria espaço na minha fala para lembrar a narrativa de Babel. Este episódio começa no Gênesis. Os homens partilhavam uma língua comum. “E eis que toda a terra tinha uma linguagem única e palavras únicas.” Essa unidade linguística reforça a vontade de construir uma torre que alcance os céus e que serviria como um marco. “Façamos para nós um nome, oxalá não sejamos espalhados pela face de toda a terra.” Percebendo Deus que isto era apenas o princípio das pretensões humanas, intervém, confundindo a língua deles de modo que não entendam a linguagem de seu companheiro. “Afligem-se os homens com a multiplicidade de línguas e com o que mais temiam: a dispersão.” Erick Felinto, citando Hubert Bost nos informa que o nome hebraico Babel significa a “porta dos deuses”. Este o nome da ambição dos construtores. Um dos eixos simbólicos da narrativa é o tema do Nome. A humanidade deseja fixar-se e criar um Nome, capaz de protegê-la da dispersão, mas o Nome de Deus opõe-se ao Nome dos homens. Dessa temática se ocuparam escritores, escultores, pintores com destaque para o quadro *Torre de Babel* (1563) de Pieter Brueghel, “O Velho”. O mito tematiza e articula com igual intensidade os planos linguístico, ético e teológico. Diz Erick Felinto:

Os três pontos podem ser traduzidos do seguinte modo no âmbito da literatura moderna: aspecto linguístico-estético: a dimensão poética da linguagem, o tema da incomunicabilidade; aspecto ético-tecnológico: a ideia do progresso sem sentido e desprovido de dimensão humana; aspecto teológico: a morte de Deus e a dessacralização do mundo. (FELINTO, 2008)

E voltamos às perspectivas de nosso encontro para entender a linguagem literária como força capaz de impulsionar o diálogo e a inter-relação entre os povos. Quem é atento a ouvir, indiretamente, a língua, ou seja, no âmbito da palavra poética será capaz de construir formas diversas, estonteantes, perturbadoras, dispersas, profundas entre os homens de culturas tão diferenciadas.

E o que mais nos informa o mito de Babel? Que é árdua, complexa e simbólica a inter-relação de linguagem entre os homens. A Literatura rejeita o linear e o inflexível e não procura fim ou começo de horizonte. A palavra, mesmo tecida na mais perfeita metáfora, não fecha sua imensa capacidade de – sempre e infinitamente – se curvar às significações, no dizer, e no representar alguma coisa. O que colocamos em evidência é uma relação conflitante e harmoniosa entre Brasil e Portugal.

A vastidão do caminho, feito de léguas e léguas de água, ondula-se levemente e ganha relevo e nitidez. Ontem e hoje se entrelaçam para armar um tempo de compreensivo entendimento e de um intelectual e sagaz

engenho. Perto e distante recusam-se a formar ilhas. O “Poema para Helena Lanari” de Sophia de Mello Breyner Andresen reivindica todas as reflexões acerca da linguagem destes dois mundos.

Gosto de ouvir o português do Brasil
onde as palavras recuperam sua substância total
Concretas como fruto nítidas como pássaros
Gosto de ouvir a palavra com as suas sílabas todas
Sem perder sequer um quinto de vogal

Quando Helena Lanari dizia o “coqueiro”
O coqueiro ficava mais vegetal.

(ANDRESEN, 1967: 32)

O novo continente aberto aos olhos europeus era uma paisagem de fascínio e instigante curiosidade pelo seu colorido, sua quentura de trópico, gentes, aves e pássaros que os viajantes carregavam para seus reinos como se fosse uma nova Arca de Noé.

Os olhares oblíquos de Portugal não souberam ver as rupturas que se faziam – dentro e fora do corpo do Brasil – nos extratos sociais, econômicos e culturais que eram o ar que respirávamos para manter viva a história que ia se escrevendo com particular imaginação e diferentes sentimentos, temas e motivos. Urgente, portanto, levantar esta peculiar qualidade intelectual do brasileiro – impregnada de uma esperança de mudanças e de contradições – que pudesse refletir a fisionomia brasileira, em águas que não as do Tejo. Listam-se valores, hábitos, costumes, comidas, jeitos, geografia em uma sintaxe com acentos de peles mestiças, frutas, pau-brasil, lundus e mais coisas que são verdadeiras, e que talvez não existam. Tudo somando uma “consciência de nós mesmos”, segundo palavras de Antônio Candido (1965).

Tantos nomes desenhavam a nova realidade brasileira que ela precisava ser dita com outro som e cadência de voz, com outra ilusão de vida, capaz de ser tronco e semente de um novo ato criador. E debruçaram-se sobre este corpo brasileiro para estudá-lo, amá-lo, criticá-lo, recriá-lo escritores, poetas, músicos, escultores, pintores, folcloristas, pesquisadores de várias tendências, enfim, os que fabricavam uma linguagem que estruturasse estes novos valores e as novas experiências estéticas. Misturava-se, com imensa doçura, a língua falada com a língua escrita, dando à “fala” uma oralidade de cunho “erudito”, porque representava a linguagem certa para a expressão da identidade nacional.

Voltam-se os escritores para a linguagem coloquial, isenta de arestas, para que a literatura acompanhasse as formas de expressão do homem comum. Manuel Bandeira, como poeta, em “Evocação de Recife” é incisivo neste compromisso:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusíada.

(BANDEIRA, 1966: 114)

Mário de Andrade, no irônico ensaio, “Baile dos Pronomes”, nos diz da revoadada de pensamento que pairava sobre o assunto:

Vai acesa em São Paulo a preocupação da “língua brasileira”; [...] tem sido muitos este ano, nos jornais e revistas do Estado, os depoimentos e contribuições a respeito deste nosso gostoso falar e difícilimo escrever [...] a meu ver, o problema do pronome oblíquo iniciando frase, não é apenas uma questão de maiúscula. Muitas vezes no próprio decorrer da frase a tendência se revela [...]. Com tudo isso, como esquecer o epigrama de Alberto Ramos [...] Me dá! – Dá-me! – Me dá! digo eu – Erra imbecil! Bruto! erro em Portugal, acerto no Brasil! (Andrade s/d: 223)

O problema da “língua brasileira” não se ateuve somente ao processo da criação poética, mas repercutiu também na linguagem de feição acadêmica e naqueles, que vigilantes de uma sintaxe lusa, preocupavam-se com o purismo da língua como fator de hierarquização intelectual. Mário de Andrade reconhece, em sua conferência “O movimento modernista”, proferida em 1942 – já alargado o tempo para uma visão crítica mais objetiva – que “O estandarte mais colorido dessa radicação à pátria foi a pesquisa da ‘língua brasileira’. Mas foi talvez boato falso. Na verdade, apesar das aparências e da bulha que fazem certas santidades de última hora, nós estamos atualmente tão escravos da gramática lusa como qualquer português” (Andrade 1972: 244).

Em Oswald de Andrade encontramos o lúdico que joga com as palavras e mantém aberta a questão da língua brasileira que, como pêndulo, vaivém ao sabor dos tempos e das mudanças. Haroldo de Campos observa que “Oswald não se ensimesmou, não se deixou emurar no pseudo problema de uma codificação gramatical para essa *língua brasileira*, mas, antes, sua luta foi por um idioma nosso livre e descontraído...” (Campos 1966: 46). E isso lemos no poema *Brazil*:

O Zé Pereira chegou de caravela
 E perguntou pro guarani da mata virgem
 – Sois cristão?
 – Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
 Tererê tetê Quizá Quizá! Quecê!

Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
 O negro zonzo saído da fornalha
 Tomou a palavra e respondeu
 – Sim pela Graça de Deus
 Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
 E fizeram o Carnaval

(ANDRADE 1966: 153)

Se há tantas inter-relações do viver no Brasil e em Portugal como supor que a expressão estética, fora da Literatura, seja um devaneio?

As discussões e modismo a respeito da existência ou não de uma “língua brasileira” não armam fronteiras entre os falantes da língua portuguesa. Devemos nos voltar para o sensível, escutar o rumor das palavras, o que está escrito na sombra das ideias, ler a poesia que alarga as terras do além-mar e as terras nossas, onde muitos navegantes lançaram âncoras.

Podemos nos consolar de todas as falhas, abismos e ecos nas interlocuções, buscando vozes de diferentes sotaques que ultrapassem a mera questão de adjetivar a expressão maior de um povo que é a língua na Literatura. O que existe são apenas inter-relações textuais entre Brasil e Portugal, que não escurecem a compreensão e a interpretação do discurso literário.

E deste modo, vamos ler Natália Correia em “Nictofagia”:

Se eu pudesse beber-te, ó noite
 até encontrar o teu gosto,
 Ou mordendo a ponta do açoite
 Da tua treva no meu rosto,

Achasse a planície de lume
 De que és uma aresta de estrelas
 E sonhando sem peso e volume
 Fosse um sonho de chão a tecê-las

E na praia de um trilo sem flauta,
 Instrumento das harpas do fundo
 Duma água escorrida da pauta
 Da manhã mais antiga do mundo.

Me estendesses, ó noite florida
 Das sementes que trazes no punho,
 Uma adolescência impelida
 Pelo arco das brisas de junho!

(CORREIA *apud* NEVES 1967: 282)

A noite engendra, com nervo e medula, o poema que se alimenta da seiva da vida, com “lume” e “arestas de estrelas” para que ela vibre como um “ramo de brisas” e estremeça a sua forma como se a alma e outra coisa qualquer no amanhecer do sonho, reverberassem o mesmo significado, a mesma substância, o mesmo valor.

A expressão poética nos arrasta para o delicado mistério da emoção e da beleza, e não há conflito e desarmonia entre a alma que escuta e lê, aqui e lá, os versos de um poeta.

Caberia, neste momento, citar Alberto Caieiro, uma das vozes de Fernando Pessoa, em “Poemas Inconjuntos”:

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há idéias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave,
Há uma só janela fechada, e todo mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

(PESSOA [Caieiro], 1965: 231)

Não há nenhuma resposta a esta inquietude de todos nós, a este arder, quase camoniano, no sonho da vida, na alma seduzida pelos contornos da abstrata realidade.

Acredito que a língua como elemento de inter-relação do homem à vida e ao mundo só será possível, quando um gesto abstrato se rende à sua concretude. Quando as pessoas possam se agrupar em torno de ideias comuns, motivos, razões, solidariedade na lágrima e na alegria, tolerância ao grotesco e adesão à beleza, enfim, quando existir uma pulsação de amor e amizade, capaz de mover o homem para a direção desejada, o desejo conquistado.

E pergunto se as ponderações feitas acerca do diálogo e das inter-relações que envolvem concepções e interpretações sobre a palavra, o outro, a incomunicabilidade, o devaneio, a utopia da linguagem, a aproximação do corpo a outro corpo, a procura da dimensão humana, a relação entre o Silêncio e a Palavra, contemplam as expectativas de todos os que me ouvem.

Creio que Valéry tem a chave de todas as interrogações que fizemos acerca da aproximação entre nossas linguagens literárias. Só o poeta sabe que “todas as ruínas contêm uma certa rosa”.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins, [s/d.].
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins/INL, 1972.
- ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas de Oswald de Andrade*. Introdução e organização de Haroldo de Campos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Geografia*. Lisboa: Ática, 1967.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira – poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1974.
- CAMPOS, Haroldo de. Introdução. In: ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas de Oswald de Andrade*. Introdução e organização de H. de Campos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- FELINTO, Erick. *Silêncio de Deus, Silêncio dos Homens – Babel e a Sobrevivência do sagrado na Literatura Moderna*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MEIRELES, Cecília. *Viagem*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.
- NEVES, João Alves das (Org.). *Poetas Portugueses Modernos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*, 2. ed. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

Recebido: 12 de abril de 2011
Aprovado: 23 de maio de 2011
Contato: linatamega@yahoo.co.uk